



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARCO PAULO STIGGER II

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-297

Entrevistado: Marco Paulo Stigger

Nascimento:

Local da entrevista: Escola de Educação Física (ESEF/UFRGS)

Entrevistador/a: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 25/10/2012

Transcrição: Natália Bender e Bruna Perla

Copidesque e Pesquisa: Ivone Job e Silvana Goellner

Total de gravação: 64 minutos e 33 segundos

Páginas Digitadas: 25

Observação:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da tese de Ivone Job intitulada *Gestão das revistas brasileiras da área da Educação Física e Ciências do Esporte*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em setembro de 2013.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário:

Criação da Revista Movimento; Editoria da Revista; Perfil para ser editor da Revista; Trabalho que o editor desempenha e equipe; Relação entre os colegas da Revista e outros profissionais que desempenham semelhante trabalho; Os critérios da revista e sua qualidade adquirida, distinta das demais; A análise dos artigos enviados; Demanda dos artigos a ser publicados; A Revista disponível em formato eletrônico; A profissionalização da Revista; Formação do comitê editorial; Escolha das parcerias; Questões financeiras da Revista; Projeto gráfico da Revista; Revisão dos textos publicados; Regras para publicar artigos na Revista; Avaliação da Revista; Quantidade de artigos publicados pelo mesmo autor nas edições da Revista; Modelo para constituição da Revista; Considerações finais.

Porto Alegre, 25 de outubro de 2012. Entrevista com Marco Paulo Stigger cargo do pesquisador Christiane Garcia Macedo, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, como chegou à função de editor da Revista Movimento?

M.S. – Eu inventei a Revista. [RISOS]

C.M. – Quando foi?

M.S. – Eu voltei do mestrado em 1992¹ e eu tinha um cargo de Técnico em Assuntos Educacionais que é um cargo de nível superior da universidade; fiz mestrado e cheguei aqui na faculdade². Eu era um técnico com mestrado, numa instituição que tinham poucos professores com mestrado. E eu tinha tido uma vida acadêmica de três anos. Naquela época, eram 36 meses para o mestrado. Na Gama Filho, no Rio de Janeiro, tinha uma revista (a Motus Corporis) e eu tive essa experiência de contato com eles e voltei e comecei. Busquei um lugar para mim como funcionário com nível superior e com mestrado e comecei pela questão: o que eu poderia fazer no campo acadêmico na condição de técnico? Pensei numa revista, falei com a direção que, na época era o De Rose³, pedi que ele me apoiasse, me destinasse horas e espaço, etc... Aí eu arrumei uma salinha e uma mesa e começamos a fazer a Revista. Então eu me tornei editor da Revista. A Revista demorou mais ou menos um ano e meio pra sair o primeiro número. Pra ver a lógica das publicações naquela época... E como é que eu fui conseguir artigos? Fui pedindo, mas as pessoas não mandavam. Demorou um ano e meio para conseguir um artigo para fechar o número e daí fiz o primeiro número da Revista.

C.M. – Desde então você é editor?

M.S. – Não. A Revista hoje já está com dezoito anos e eu só não fui editor dela durante o período do meu doutorado que foi de 1996 a 2000⁴. Nos quatro anos que eu fiquei fora, eu

¹ Mestrado em Educação Física na Universidade Gama Filho

² Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³ Eduardo Henrique de Rose

⁴ Doutorado em 2000, Universidade do Porto (Portugal)

me lembro de que quando eu saí e o Pelé⁵ entrou. Depois do Pelé, o Molina⁶ voltou do doutorado e pegou... Quando eu cheguei do doutorado o Molina era o editor, isso em dezembro de 2000. Eu cheguei aqui em dezembro de 2000. Então, em 2001 o Molina era editor e eu já comecei meio que auxiliar o Molina, mas ele era o editor. Eu não consigo dizer exatamente, mas acho que um ano depois, um ano e meio depois o Molina passou a revista para mim. No meio desse período, eu não consigo identificar agora quem mais colaborou. Eu sei que a Silvana⁷ uma época esteve colaborando, mas não exatamente na função de editoria. Em 2002 digamos assim, temos que olhar nos editoriais, eu passei a ser o editor, daí foi quando nós começamos a formar uma equipe. Até então não tinha uma equipe, até então era meio aquela coisa da revista embaixo do braço do editor, mas eu posso falar depois sobre isso.

C.M. – Quanto tempo você acha que o editor deveria ficar à frente de uma revista?

M.S. – Não acho que a experiência que nós temos aqui que está muito bem, nós vamos mudar, provavelmente, de alguma maneira; não é algo que tenha que ter rotatividade nessa linha de preocupação com poder ou coisa do gênero. Não tem nada a ver com isso, eu acho que editoria de revista é uma coisa que tu vais aprendendo. Hoje a gente já se vê um pouco diferente, nós éramos completamente amadores, a gente veio trabalhando e a editoria de revista é uma função política acima de qualquer coisa. No meu ponto de vista, é uma função política de política editorial. Existem dimensões técnicas de uma revista, mas existe uma dimensão política muito forte, acho que quanto tu vais te consolidando dentro de uma revista, mais essa comunicação pode ser [TRECHO INAUDÍVEL]. Acho que é um lugar de quem quer pegar. Por exemplo, não sei se isso vai aparecer na tua entrevista, em certo momento o Molina achou (e eu concordava com ele) que a Revista tinha que ser na Pós-Graduação⁸. Inclusive agora no aniversário da Revista, saiu no site que a Revista é da Pós-Graduação. Ela não é da Pós-Graduação, ela é um projeto de extensão do qual eu sou coordenador. Não tem mais coordenadores porque o sistema não permite que a gente tenha mais de um coordenador. Tem outras pessoas fazendo parte da equipe, sub-coordenadores etc. e tal, mas na gestão do Molina a proposta era que a revista fosse da Pós-Graduação

⁵ Jorge Luiz de Souza

⁶ Vicente Molina Neto

⁷ Silvana Vilodre Goellner

⁸ Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano

como uma ideia de busca de consolidação da Revista. A primeira experiência que nós tivemos foi muito negativa... [INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA]

Então a Revista ficou como algo da Pós-Graduação e na primeira gestão já se deu mal. Porque o Molina saiu e entrou um professor que não tem nada a ver com o campo sociocultural e a revista ficou em torno de oito meses parada, não tocaram por nenhum momento nela. O que nós aprendemos ali é que quem tem que tocar a Revista é quem está interessado na Revista, quem está focado na Revista, quem se envolve com a Revista. E não é algo para ser apenas institucional da Escola. Porque cada vez que muda o diretor, vai mudar o editor da Revista? Daí por questão política institucional entra um editor que não tem interesse na Revista e, de repente, mesmo que tivesse interesse, vai querer mudar a linha editorial. Uma revista não pode ficar mudando de linha editorial a cada dois anos, quatro anos, ela tem uma linha editorial consolidada. Eu não tenho experiência sobre isso, mas claro, editar a RBCE⁹ é diferente. Bom, ela está com um editor há muito tempo, o Alexandre¹⁰ está há muitos anos.

C.M. – É, entrou na segunda gestão do Fernando¹¹, a gente já está na terceira gestão, na metade da terceira.

M.S. – Num caso desses é diferente, é uma entidade científica e se o presidente bota um editor que não consegue dar conta dos interesses da entidade, a entidade tira ele porque a entidade tem uma unidade que ela quer. Mas a Pós-Graduação não, a Pós-Graduação é um lugar de muita disputa, de divergência de campos. Imagina se um professor do campo biológico é o coordenador da pós e é o editor da revista. Ele não é do campo sociocultural, no assunto do campo sociocultural, tendo dificuldade até em saber se alguns artigos estão no escopo da revista. Porque às vezes tem artigo que está na fronteira entre sociocultural, pedagógica, o desenvolvimento motor, aprendizagem motora, a psicologia. Esses artigos são chatíssimos de decidir se estão no escopo ou não. Para responder a tua pergunta, eu acho que ela tem que ser vinculada a pessoas que estão fortemente vinculadas a ela e não vejo nenhum problema em ficar muito tempo editando a revista. Eu vou deixar de ser editor agora, mas eu acho que não teria nenhum problema eu continuar.

⁹ Revista Brasileira de Ciências do Esporte, ligada ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

¹⁰ Alexandre Fernandes Vaz

¹¹ Fernando Mascarenhas, presidente do CBCE no período de 2005 a 2009

C.M. – E quantas horas por dia mais ou menos te ocupa esse trabalho de editor, ou por semana?

M.S. – É muito difícil de te dizer. Teve momentos que a gente fez reuniões semanais, era quase toda semana, há reuniões e tem um milhão de coisas que a gente faz em casa; tem atividades, por exemplo, em relação ao Ministério do Esporte que tem projetos com a empresa das traduções; tem que pagar as traduções. É toda uma burocracia, é muito difícil dizer em termos de tempo. Eu diria que na minha função de editor, dois turnos por semana funciona, mas porque eu não estou sozinho. Porque felizmente (diferente do que eu ouço falar por aí de outras revistas científicas) nós temos uma equipe muito forte, então, hoje quem deve estar trabalhando mais pesado, que gasta mais tempo na revista provavelmente seja o Elisandro¹² que é o editor executivo. E a Ivone¹³ e o pessoal da biblioteca¹⁴ que são as pessoas que leem todos os artigos. Eles dão uma revisada nos artigos antes deles saírem. E nós temos um cara que faz a editoração que ele deve ter às oito horas do dia dele quase todas destinadas à Revista, fazendo a editoração de todos os artigos. Então carga horária de trabalho dessas pessoas é que é muito mais. Há a posição do Alex¹⁵, que é o vice-editor e é a pessoa que distribui os artigos para os avaliadores E a minha função (eu estou falando de rotina) que é de decidir a partir dos pareceres que vem eu faço a decisão final ou, se eu tenho dúvidas, a gente guarda e reúne os três e decidimos. Então trabalho é distribuído dessa forma, mas, por exemplo, o evento da Movimento eu praticamente fiz sozinho. Claro, eu botei as pessoas para trabalhar (os meus alunos, o Elisandro ajudou), mas quem tocou tudo, foi atrás de contratação de salgadinhos, convidar as pessoas, fui eu. Então aquele momento ali, por exemplo, eu trabalhei umas três semanas diariamente gastando muitas horas por dia. Mas quando a revista entra na rotina dela a minha carga horária é muito pequena e é mais decisória, é mais política. Eu diria que na rotina é de um turno, um turno e meio por semana na minha função; o Elisandro trabalha muito mais em termos de carga horária. Mas a minha função que é a função do editor que eu acho que é uma função muito mais política do que outra coisa.

¹² Elisandro Schultz Wittizorecki

¹³ Ivone Job

¹⁴ Biblioteca Edgard Sperb, da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

¹⁵ Alex Branco Fraga

C.M. – Como é que foi a decisão da linha do escopo da Revista?

M.S. – As revistas elas têm uma história, o mundo das revistas científicas, de 2002, 2003 pra cá, esse mundo se complexificou. É um processo que está ligado à Pós-Graduação, à avaliação da Pós-Graduação, que é uma coisa internacional, não é só ligada ao Brasil. Mas no Brasil, eu diria que 2002 por ai a partir de 2002, 2003, começou a se pensar assim: “a Revista não pode ser essa coisa artesanal, a Revista não pode ser essa coisa pautada por como a gente acha, a Revista é algo que tem padrões nacionais, internacionais e expectativas de como as revistas devem ser. Naquele momento nós vimos uma relação de amizade, institucional, mas também de amizade com a professora que era diretora da editora da UFRGS, que era a coordenadora da Editora. A Jusamara¹⁶, uma professora do Instituto de Artes, é uma pessoa ligada à ABEC (Associação Brasileira de Editores Científicos) Eu comecei a ter relações com ela e procurar informações, sugestões e tal. E ela começou a defender a ideia de que uma revista tem que ser especializada, uma revista não pode ser “guarda-chuva”. A revista guarda-chuva tenderia a perder força e credibilidade e reconhecimento na academia. Então ela dizia: “você tem que especializar a revista”. Eu olho para trás hoje e penso que nós poderíamos ter nos especializado em Educação Física. Nós nos especializamos no campo sociocultural da Educação Física. Quando eu olho pra hoje para o presente, eu vejo todas as revistas como a Motriz, como a RBCE, a própria Revista da UEM¹⁷ elas não estão especializadas a esse ponto; elas são especializadas da Educação Física e acho que não perderam muito com isso, mas eu vou dizer por que eu acho que nós ganhamos muito, depois eu vou te dizer porque. Então decidimos especializar. Para que lado nós vamos especializar? Nós tínhamos uma intuição que a Revista tinha que ser especializada para o campo sociocultural que era o que mais aparecia de artigos e pessoas interessadas e até porque quem tocava era uma pessoa do campo sociocultural. Só que quando esse assunto começou a ser debatido, a Revista estava ligada à Pós-Graduação e o assunto foi para o Pós-Graduação. No Pós-Graduação, colocamos a questão de especializar a Revista do campo sociocultural e todo mundo aprovou. Pronto, foi uma coisa colocada em acordo e todo mundo concordou. E continuamos a trabalhar nessa direção. Daí começamos a convidar pessoas do campo sociocultural internacional pra publicar na Revista, mudamos as normas de publicação e

¹⁶ Jusamara Vieira de Souza, de 2002 a 2008 foi diretora da Editora da UFRGS

¹⁷ Universidade Estadual de Maringá

tal. Fizemos um ou dois números, eu acho que um número, não mais do que isso, mas as normas foram mudadas. E, subitamente, em uma reunião do Pós-Graduação, voltou àquela história anterior. Houve a proposta do coordenador de mudar a Revista para ser especializada no campo biológico. A Revista caiu para o campo biológico, aquilo me deixou transtornado. E eu saí mobilizando os meus colegas do campo sociocultural para que a gente disputasse isso. Porque uma revista tem que estar na mão de um grupo de interessados nela. A experiência que nós tivemos, foi da revista ter ficado seis, oito meses parada e agora uma mudança de linha editorial completamente oposta, imagina! Nós fizemos um debate muito complexo que foi pautado muito pela lógica de argumentos políticos. Mas eu fiz uma coisa interessante que nos ensinou muito sobre a revista: eu fui lá na Jusamara e pedi socorro para ela e ela me deu um livro, uma apostila da Associação Brasileira de Editores Científicos sobre o que se espera de uma revista. Lá tinha um conjunto de elementos que diziam que a revista podia estar mudando de foco de uma hora pra outra, etc. Um monte de elementos que nos sustentava. E mais: eu peguei uma aluna (a Raquel¹⁸, que hoje é doutoranda aqui) e fizemos uma estatística de todos os artigos da Revista. Pegamos pelos resumos e identificamos que 70% dos artigos da Revista eram do campo sociocultural e os outros 30% se dividiram entre o campo biológico e o que nós chamamos de outros. Os outros eram esse o que estava em uma fronteira que não dava para definir muito bem. Identificamos também que os doutores de Pós-Graduação publicavam na Movimento, pessoas do campo sociocultural, e doutores da Pós-Graduação vindo do campo biológico não publicavam na Movimento. Os artigos do campo biológico da Movimento eram de estudantes, não eram de doutores. Então nós tínhamos tanto o número de artigos como a qualificação dos seus autores. Então nós fomos em uma reunião política da Escola com o diretor, vice-diretor e lideranças. E foi uma reunião meio pesada, mas o Coordenador do Pós-Graduação que tentou defender a mudança para o escopo biológico perdeu. Foi um dos dias que eu saí esperançoso dessa Escola, porque se não fossem as relações políticas do cotidiano nós não perderíamos aquela votação, se fosse uma coisa completamente pragmática nós perderíamos. Mas o que pesou foi a razão, o que pesou foram os nossos argumentos e a Revista dali em diante ela virou uma Revista do campo sociocultural.

C.M – Porque é foi importante a definição da área?

¹⁸ Raquel da Silveira

M.S. – Porque foi importante? Hoje acho que isso foi fantástico. Esse aniversário da Revista Movimento foi bom também nesse sentido. O próprio Abel Packer, que é um cara especializado, um diretor da Scielo, da parte científica. Ele disse uma coisa que nós já sabíamos: que nós pegamos um nicho, o nicho do campo sociocultural. Não é por acaso que mais de trezentos artigos por ano caem aqui. Trabalhamos muito, é um artigo por dia que recebemos na Revista. Se tu entrar (no site) aqui agora vai ver mais de cem artigos para decidir. Então, nós pegamos um nicho, caiu tudo na nossa mão do campo sociocultural. Então os melhores doutores, os melhores estudantes, as melhores pesquisas caem na nossa mão e eles sabem que aqui eles vão ser acolhidos. E o critério, o rigor para os autores também aumentou. Ontem nós recebemos um e-mail de uma guria: “É o quarto artigo que me é negado.” O que eu posso fazer? O que eu posso fazer? Nós temos um critério forte aqui dentro, a Revista tem sido bem cotada, bem avaliada. E daí ela: “Não, eu mando para outra que é do mesmo nível de vocês.” Não é do mesmo nível, nós somos A2, não acho que esse seja o único critério. Não dá para comparar a Revista, com a revista que ela apresentou com o mesmo nível do campo da Educação Física. Pelos critérios do Qualis estava completamente distante. E se nós formos olhar são revistas muito mais jovens, com muito menos experiência. Então a Revista está no nível exato, num nível de posição e exigência forte e agora vai aumentar mais ainda. Porque a Motriz tomou a decisão de publicar só em inglês. E eles precisam publicar também em inglês, mas não é só em inglês. E isso, o que vai acontecer com isso? O campo sociocultural que não tem muita facilidade de publicar na língua inglesa. Eu tenho um filho que é professor de inglês e faz resumos para nós. Quando se trata de fazer esses resumos, ele reclama: “Essa linguagem de vocês é difícil.” E esses caras da Motriz vão ter dificuldade. Os caras que publicam nas socioculturais e que enviavam para Motriz, vão começar a mandar pra nós, vai aumentar aqui. Então, o que eu acho que foi importante? Nós temos um nicho, hoje falar em revista Educação Física no Brasil no campo sociocultural, qualquer aluno de Pós-Graduação brasileiro que está no campo sociocultural, ele tem que vir para Revista Movimento. Então isso ocupou um espaço importante no campo. Depois tem outra coisa para falar: é do crescimento dela nas avaliações.

C.M – Não, pode falar.

M.S. – Com isso ela também cresceu nas avaliações, e ela se constituiu, não sei se tu assistiu à palestra aqui, ela se constituiu no campo acadêmico da Educação Física e hoje ela sustenta o campo sociocultural. Tem professores que dizem claramente: se vocês não existissem, eu estava fora do Pós-Graduação. O cara está no Pós-Graduação porque tem uma revista que está com nota A2 e publicando no campo sociocultural. Sabemos o quanto nós estamos contribuindo, sabendo o quanto nós estamos ajudando, quanto a vida de algumas pessoas está na Revista.

C.M – Como é que é linha, desde o momento que o autor manda o trabalho até ele ser publicado, e quem cuida de cada passo?

M.S – Eu já te falei mais ou menos: quando o artigo chega o Alex entra no sistema (é o vice-editor) e distribui para as pessoas. Depois o Elisandro, que é o diretor executivo, acompanha o desenvolvimento. Quando tem dois pareceres e ele olha que são pareceres que já estão em condição de decisão, ele me manda: “olha, está ok para avaliar”. Daí eu entro no sistema, faço o processo de decisão. Quando eu tenho dúvida nós fazemos uma reunião. Às vezes mando e-mail para ele e tratamos disso, mas normalmente é uma reunião. Nós queríamos uma reunião quinzenal, a gente não consegue, está todo mundo correndo muito: o Alex viaja muito, o Elisandro está com muita tarefa de trabalho e eu também. Daí fizemos reuniões quando existem “pepinos” (artigos difíceis de decidir) e passamos às vezes coisa de duas ou três horas de reunião, só tratando dessas coisinhas.

C.M. – E depois que ele é, se ele foi aprovado, se ele foi rejeitado, quem é que responde para o autor?

M.S. – Essa tarefa de executivo é com o Elisandro. Ele responde pelas demandas que já existem.

C.M. – E quando o artigo é aprovado, o que acontece com ele?

M.S. – Ele entra no processo, ele entra na fila das aprovações, vai ser analisado e lido pelas bibliotecárias, a Ivone e a Naila¹⁹, e depois vai para o processo de editoração. Entra na fila. Tem um momento em que a gente tem mais artigos que o necessário, daí a gente seleciona. Antes era a Ivone que fazia essa parte, ela mandava uma proposta de sumário e a gente olhava. Às vezes tinha dois artigos da mesma pessoa no mesmo número. Tira-se um e joga para mais adiante, e se fazia isso com esse tipo de cuidado. Mas nem sempre é assim, os artigos estão entrando e estão eles fecham o número em cima da hora normalmente.

C.M. – E vocês geralmente tem mais demanda do que espaço?

M.S. – Não, não tanto. Nós temos o seguinte: publicamos sessenta artigos por ano, recebemos trezentos e cinquenta, nós temos um número aqui que eu digo assim, agora já aumentou, em torno de oitenta por cento é recusado, 80% de trezentos e cinquenta sobram quantos? Sobram setenta artigos. É mais ou menos isso mesmo. Os 80, 75% recusados por falta de qualidade. Desses, uns 15 ou 20% são recusados por fora do escopo e são publicados sessenta artigos. Então vai depender de um ano para o outro, mas, em torno de 70% são recusados.

C.M. – Mas ultimamente vocês tem precisado fazer convite para completar?

M.S. – Não, não precisa ter convite para artigo. Convida-se, mas não para completar. A gente convida porque a gente quer pessoas e temas. E tem umas polêmicas que são convites, alguma parte são convites.

C.M. – Por que vocês optaram pelo formato eletrônico?

M.S. – Nos demos conta que, primeiro todo mundo está fazendo. No primeiro momento a gente tinha certa dificuldade com o sistema eletrônico. Eu me lembro bem que era uma divergência entre nós. A Ivone defendia que os alunos acessam muito papel, pelos movimentos da Revista, pelo movimento da biblioteca. Ela preferia isso, que os alunos acessavam muito no papel e nós tínhamos isso como um argumento a favor do papel. Só que esse argumento se perdeu, na medida em que o “pepino” que é o papel, porque nós

¹⁹ Naila Lomando Touguinha

fazemos pela gráfica da UFRGS, que é mais barata, que é muito bom o trabalho, etc. e tal. Mas, às vezes, todas as dificuldades que nós tínhamos ou uma boa parte (eu não vou dizer toda) estava vinculado a isso: ou a gráfica tem problemas, ou nós mesmo, porque se falta artigos para um número, a gráfica não pode imprimir. Agora eu tenho dez artigos e falta dois, eu posso colocar dez na página. Eu posso ir completando a revista. O artigo sai da mão do cara da editoração, eu jogo ele pra frente. Eu posso colocar dois ou três artigos, depois o quarto, o quinto, com isso eu chego ao número da revista. Não gasto um tostão. Então, não gastamos dinheiro com a impressão, não gastamos dinheiro com o trabalho de editoração da gráfica. Agora nós pegamos um cara para fazer a editoração que é o Renato²⁰. Outra coisa interessante que apareceu e a gente se deu conta, é que se aparece um erro na revista e alguém reclama, nós podemos corrigir. Antes não podia. Mas a decisão foi pelos problemas com a gráfica, o fato de que as pessoas hoje acessam on line e o custo... não temos o custo.

C.M. – Depois da implantação da plataforma vocês perceberam alguma mudança assim, maior acesso? Depois que a Revista foi colocada, mesmo mantendo o impresso, ficou um tempo...

M.S. – Não, não tem nem comparação. O número de artigos que chegam, o funcionamento. Sem comparação, é melhor, mais pessoas interessadas, mais artigos entrando. É que também fica difícil a gente avaliar algumas coisas que a gente não está todo tempo avaliando. Mas a Revista muda sim. Tem um momento que eu chamo de uma antiprofissionalização da Revista. Isso envolve quando chega a Ivone. E isso, e junto com ela, a biblioteca entra na Revista, e junto com isso nós formamos uma equipe. Primeiro era eu, a Revista era eu, depois a Revista eu acho que era o Molina... Quando o Molina deixou para mim, no segundo momento, lá por 2003 por ai, eu comecei a formar uma equipe de trabalho, e essa equipe agora já se consolidou. Nós temos hoje uma coisa que ninguém tem no Brasil. Talvez a RBCE tenha, não sei se a RBCE tem inclusive o que nós temos. Nós temos três professores doutores na revista. Uma bibliotecária doutoranda, interessada no assunto. O cara da Scielo, o Abel, ficou impressionado porque tinha um cara que fazia a editoração dentro da biblioteca. Nós temos um cara que faz a editoração dentro da biblioteca. É um trabalho que custa caro, que é difícil, o cara tem oito horas por dia

²⁰ Renato Penna Lovato, responsável pela editoração da revista

destinadas à editoração. Daí então hoje a Revista tem uma equipe, então ela está, digamos assim, profissionalizando. Ela não está mais profissionalizada porque nós temos uma direção amadora ainda, todos nós. Nós fazemos milhões de coisas ao mesmo tempo e vamos dedicando algum tempo para a Revista, mas poderia ser melhor, tenho convicção, mas nós somos mais do que editores de Revista, sou professor, tenho orientandos, milhões de coisas. Essa minha fala está muito rápida, vai ser fácil de entender depois?

C.M. – Vai, vai, está bem. Está tranquilo. A revista tem “DOI”?

M.S. – Não tem. É um problema de importação da Universidade que não está conseguindo fazer.

C.M. – E os pareceristas, como é que eles são escolhidos?

M.S. – Eles são escolhidos de acordo com o tema. Vai-se no Lattes. O Alex é um garimpador de pareceristas, ele busca pareceristas no Brasil inteiro, ele está sempre buscando pareceristas, então, surge um tema e vão aumentando cada vez mais o corpo de pareceristas. Surge um tema e ele vai buscando pessoas que dominem esse tema e se a pessoa se apresenta como uma pessoa interessada continua-se mandando parecer para ele. E a pessoa vai entrando no corpo de parecerista. Agora eu não sei se tu ouviste a palestra do Rodacki²¹. Eles querem dar uma fortalecida nisso.

C.M. – A valorização.

M.S. – Isso é ser muito mais, isso é muito legal, porque isso aí vai obrigar os pareceristas a darem bons pareceres, que às vezes não dão. Porque às vezes nós temos pareceristas que só atrapalham; eu mando um parecer, aquilo roda dois meses e quando eu estou esperando já há dois meses chega um parecer e é ruim, sem consistência. O que eu tenho que fazer? Colocar fora o parecer e pedir outro. Essa semana pela primeira vez eu peguei um parecer de um cara e disse “Olha, melhora o parecer”. E o cara engoliu o sapo, vamos dizer assim. Essa semana aconteceu isso, mas é uma coisa difícil porque os caras não ganham nada com isso e essa ideia da valorização do parcerista na CAPES tem esse papel importante: o cara

²¹ André Rodacki.

vai ganhar algo com isso. O nome dele vai aparecer lá no final do ano entre os pareceristas da Revista e ele vai receber pontos na avaliação dele no Pós-Graduação. Por ser o parecerista de uma Revista, então hoje, hoje a Revista é consolidada e vive dependendo do parecerista que é um cara, entre aspas, amador, que faz porque quer e tu valoriza o que ele faz. Eu sou parecerista de várias revistas, isso dá um trabalho desgraçado, e eu me preocupo em fazer direito, mas agora estou devendo um para a Motriz, que acho que eu não vou nem cumprir, deve ter passado do prazo. Se o cara não fica no pé a gente acaba esquecendo. Eu também sou, faço esse tipo de coisa, agora quando eu faço parecer, eu faço direito, agora eu também às vezes deixo pendurado, porque é uma coisa muito amadora. Mas quando o editor me cobra eu faço rápido. Mas, então, o que é isso? A gente passa a convidar as pessoas, se os pareceres são bons à gente vai mantendo o cara. E ele está lá, tem mais de 300 pessoas.

C.M. – Vocês tem muito problema com parecerista que não envia? Que aceita fazer e depois não envia o parecer?

M.S. – Tem problemas, eu não diria que são muitos problemas. Se fossem muitos problemas a gente estaria muito mais preocupado com isso; não é um dos nossos maiores assuntos, no geral a coisa não anda mal.

C.M. - A avaliação do artigo, ele está baseado nos pareceres apenas ou outras, existem outros elementos que...

M.S. – Nós aprendemos uma coisa nova, a gente está sempre aprendendo. No ano passado eu e o Elisandro fomos a uma reunião da ABEC²² sobre os editores científicos e passamos em duas palestras. E uma coisa que repercutia entre nós é que, ao participar das reuniões, palestras, debater com as pessoas lá, nos fortaleceu foi o lugar de editor. O que é ser editor? Editor não é ser apenas um passador de artigos, se eu identifico um artigo, por uma razão qualquer eu acho que o artigo é ruim, e chega com dois pareceres, mesmo positivos, (isso nunca aconteceu, o que eu estou dizendo agora nunca aconteceu, estou falando em tese), e eu olho e digo: “ele não tenho condições de ficar aqui na Revista”. E eu como editor tenho a condição, o direito e o lugar de dizer: não. Isso nunca aconteceu, mas já

²² Associação Brasileira de Editores Científicos

aconteceram coisas assim: o artigo vai e chega com dois pareceres, um pede reformulações, e o outro nega, nenhum dos pareceres parecem consistentes, daí você vai olhar bem esse artigo. Antes a gente tinha uma fórmula (isso é legal vocês saberem). Não lembro mais como é que é exatamente: um negativo e um positivo vai para um terceiro; dois negativos os artigos são negados; duas reformulações são negados; dois positivos são aprovados. Nós ficávamos reféns dessa fórmula então nós tiramos essa fórmula. Um parecerista tem um parecer, ele emite um parecer, eu olho o parecer dele e se o parecer dele me convencer eu nem vou no artigo, eu vou lá e aprovo, se no parecer dele ele me deixa com dúvida eu vou olhar o artigo. Eu, o Alex e o Elisandro, vamos olhar o artigo e eventualmente mandamos para outra pessoa. Nós temos algumas pessoas da nossa confiança, como a gente costuma dizer. São parceiros para qualquer hora, tu diz assim: tu vai ler esse artigo para mim, nós estamos com uma dúvida, me ajuda a desempatar isso. Às vezes o artigo é bom, mas ele é um feijãozinho com arroz bem feitinho. A gente percebe assim, estou aprovando porque ele está bem arrumadinho, tem tudo que tem que ter um artigo, mas tu percebe também que não contribui em nada, não traz nada de novo. Às vezes a gente reprova um artigo assim. Outras vezes recebemos dois pareceres positivos, bem sólidos. Ou negativos, bem sólidos. Aí é fácil. Mas quando o parecer deixa dúvida quem decide, no final, acabamos sendo nós, o nosso critério. Esse é o lugar do editor.

C.M. – Como é financiada a Revista?

M.S. – Hoje os pareceres são de graça, a publicação quando era no papel era a Pró-Reitoria de Pesquisa que sustentava isso. Existe um programa de apoio aos periódicos da Universidade que pagava isso, nós estamos fazendo umas traduções que o Ministério do Esporte pagou. Nós já ganhamos apoio do Ministério do Esporte e da Pró-Reitoria, hoje como ela está no site, não precisa de mais nada. A única coisa que nós temos é um bolsista pago pela Pró-Reitoria, o resto é nosso trabalho. Quem é que paga a gente, quem é que financia a Revista? O Governo Federal, a Universidade, porque é o nosso trabalho.

C.M. – O projeto gráfico é feito pelos funcionários?

M.S. – Pelo Renato. Não, ele não queria, ele faz isso, ele vem se mantendo, ele só coloca dentro do projeto gráfico.

C.M. - Há revisores de texto, de referências, de português?

M.S. – As bibliotecárias. Em princípio olhares rápidos porque se tem uma crítica pesada dos pareceristas a gente manda o cara arrumar, mas a última olhada quem dá é a Ivone e a Naila.

C.M. – É exigido algum grau mínimo para formação dos autores?

M.S. – Não, dos autores?

C.M. – É, se ele tem que ter pelo menos o mestrado...

M.S. – Não, já pensamos em fazer, já pensamos em fazer isso porque já apareceram artigos que eram TCC²³, e que eram muito fraquinhos. E isso é outra coisa que a gente também criou. Quando a gente percebe alguns artigos desse tipo que tu olha assim e já percebe que é uma coisa dessas, nós olhamos e dissemos assim: “Não tem condições”. Sumariamente ele é negado, a partir do olhar dos editores, porque é um artigo que não tem nenhuma contribuição para oferecer. Nós estamos querendo criar uma etapa anterior na revista, de que isso seja feito por mais pessoas. Mas ainda não conseguimos fazer isso. Porque eu não posso rodar um artigo de TCC, muito fraquinho, para um doutor gastar três horas de vida dele avaliando para dizer assim “Marco, isso é muito fraco.” Eu perdi um tempo com o cara, botei o cara, um cara que a gente precisa. Nós mudamos a Revista agora não tem dois pareceristas, tem um ou dois, ou pelo menos um. Nós nos achamos no direito, nos demos conta que temos muitas parcerias na mão, muitos artigos, muito trabalho e não podemos perder tempo. Quando os artigos são mais complexos, em principio o Alex manda para dois, mas muitas vezes ele manda só para um.

C.M. – Os manuscritos têm obedecido às normas da Revista?

M.S. – Tem, em geral tem.

²³ Trabalho de Conclusão de Curso

C.M. – E como é que vocês decidem a norma, para o de ingresso, em bases de dados em indexadores?

M.S. – Como é que decidimos?

C.M. – É como vocês escolhem e iniciam esse processo?

M.S. – A isso foi, eu diria assim, não foi nem uma coisa formalizada, mas do tipo vamos fazer, vamos começar agora, quando essa coisa de avaliação começou a exigir bases de dados internacionais. A Revista é reconhecida, e ela só é reconhecida a partir dessa avaliação dos indexadores, por mais que a gente tenha os nossos indexadores, e mesmo que encontre editores, às vezes algumas críticas as próprias bases e críticas ao Qualis. Se for olhar os nossos editoriais você vai ver que a gente está sempre disputando com o próprio núcleo do Qualis: a gente critica, disputa, mas eu estou jogando dentro do jogo. Então, as bases de dados acabam sendo procuradas por todas as revistas, e por nós também, então agora, por exemplo, nós não entramos no Scielo, o que nos deixou muito inconformados. O Scielo não é a melhor base de dados para o Qualis, mas provavelmente seja a melhor base de dados do processo brasileiro e da América do Sul. Então se a gente entrar na Scielo a gente vai ter mais visibilidade que a gente já tem. Então nós estamos tentando entrar na Scielo, mas nessa linha de que o campo acadêmico da Educação Física está exigindo, nós vamos acompanhando.

C.M. - Nessa negação da Scielo vocês tiveram algum outro indexador que negou?

M.S. – Nunca.

C.M. – E vocês buscaram fazer recurso para a Scielo, iniciaram outro processo?

M.S. – Não, não. Estamos fazendo um processo político para chegar à Scielo.

C.M. – Buscando os responsáveis?

M.S. – Não, nós temos que fazer, por exemplo, nesse aniversário foi um movimento de cunho também político. O cara que domina tudo isso vai ser convidado. Foi levado para outras revistas, conheceu a Revista, entrou lá, viu que não é uma revista que está na gaveta de ninguém. É uma sala, uma biblioteca, uma equipe forte, a oportunidade de conversar com a Ivone que domina muito esse campo. Eu vi que ele gostou de conversar com a Ivone, conversou comigo muito tempo, então agora nós vamos ter alguém lá no Scielo que sabe que nós existimos e não chega uma revista lá como algo desconhecido. Quando ela foi avaliada, nós soubemos (por baixo dos panos, de bastidores) como foi o processo. Nós tínhamos encaminhado a revista para o Scielo, mas daí eles pegaram todas as revistas que queriam entrar no Scielo e fizeram um bolo e mandaram essas revistas para o Scielo. Certo. E ao fazer isso eles também indicaram quem avaliaria as revistas. Meses antes nós tínhamos tido uma reunião em Florianópolis e a revista Movimento ficou em primeiro lugar das revistas que vem sendo conhecidas na área. Então, numa reunião que tinha coordenadores de pós-graduação, editores de revistas presentes, a área entendeu que, sobre a Movimento nem se discute: é a primeira, vamos debater as outras. Quando foi para o Scielo, foi um grupinho que avaliou as revistas. Conforme uma pessoa que eu conheço, “foram os caras de avental branco que avaliaram.” Ou seja, os caras das biológicas. Quando nós começamos a debater que eu liguei para lá. A funcionária que me atendeu falou: “Professor, a sua Revista ficou em sétimo lugar.” Nós tínhamos ficado em primeiro. Na comunidade a Movimento estava em primeiro. Quando chega ao Scielo com uma comissãozinha que nós não sabíamos quem foi, a Movimento ficou em sétimo lugar. Daí ficamos muito brabos. O Molina ficou muito brabo e a gente avaliava assim: os caras da Scielo não sabem como é o campo da Educação Física. Eles têm que conhecer o campo da Educação Física. Por isso que o aniversário da Movimento, era um momento comemorativo, mas também é político. O “cara” que manda nisso lá, ao passar pela mão dele o “cara” sabe o que é a Movimento. Então, essa é a atitude do editor hoje em dia, entendeu? Eu digo o seguinte: tem coisas do sistema eletrônico aqui que eu não sei mexer, não preciso saber mexer mesmo, tem quem faça isso muito bem feito, o trabalho do editor é a visão política da revista, no meu ponto de vista.

C.M. – E vocês tem alguma forma de aumentar a citação da Revista, assim, tentando colocar artigos de regiões diferentes ou tentando colocar autores internacionais?

M.S. – Não. Nós tínhamos inclusive o “cara” da ABEC que nos sugeriu algumas coisas, e o que ele mais sugeriu nós já havíamos fazendo, que é convidar pessoas para artigos do tipo historia da arte, então, por exemplo: o Valter Bracht, publicou dois artigos dele, o convidamos para publicar um, e ele fez uma pesquisa que era sobre o “Estado da área da discussão da Educação Física Escolar”. E um dia desse ele me telefonou e falou: “O trabalho que estamos fazendo aqui não vai dar um artigo, vai ser dois, dividido em dois, porque é o estado da arte, então esse artigo é um artigo que chama o leitor. Assim como os “Temas Polêmicos”, chamam o leitor, assim como autores internacionais, chamam o leitor. Mas sobre autores internacionais, nós convidamos naquele momento que a revista passou ser uma revista das sociais. Nós fizemos um esforço que se tu for olhar aí, se for procurar na revista, 2004 e 2005 tem vários artigos internacionais. A Silvana convidou uma alemã²⁴, tem um artigo de uma francesa²⁵ sobre rugby, tem o artigo do Allen Guttman, que é um homem que tem mais de oitenta anos hoje, que publicou o livro *From Ritual to Record*. Nós convidamos um grupo de pessoas. Eu não lembraria agora todos, mas é um grupo grande, meia dúzia de pessoas, todas internacionais, gente reconhecida. Isso também aumentou a visibilidade da revista. Então, também é uma estratégia. Mas a estratégia que a gente está fazendo de forma sistemática, é essa de convidar pessoas para o “Em Foco”, a sessão “Em Foco”.

C.M. – Tem alguma norma de que o autor não publica dois artigos ao mesmo tempo, na Revista, não publica seguido?

M.S. – Não, norma não tem, tem uma coisa de bom senso. Eu nunca conferi se há autores que já haviam publicado na mesma revista. Certamente se procurar vai achar, porque pode ter passado alguma coisa. Uma vez estava pronto o sumário e tinha quatro desses: tinha dois autores duas vezes cada um, duas pessoas no mesmo número da revista. Era a Ivone que fazia isso ai, ela preparava o sumário, e mandava: “Olha o sumário”. Ai a gente se deu conta e evitamos. Não saberia te dizer muito bem, tem uma democratização, todo mundo tem direito a todos os espaços, mas não tem uma norma, mas um funcionamento, uma tradição, um bom senso, digamos assim.

²⁴ Gertrud Pfister

²⁵ Anne Saouter

C.M. – Tem alguma proibição de professores da casa?

M.S. – Não, nós temos um critério que serve tanto para os professores da casa, quanto para os editores. Naquele debate sobre a especialização (ou não) da revista, um professor que estava no debate, mas não tinha experiência no campo da Revista, ele disse assim: Uma revista tem algumas coisas. Uma revista tem que ter qualidade (eram três coisas eu não me lembro da terceira). Mas uma revista tem que ter qualidade, a revista tem que atender a Instituição, os professores da Instituição. E daí a minha resposta foi: Uma revista de qualidade é aquela que não atende os professores da Instituição, porque se ela atende os professores da Instituição ela cria uma endogenia, e endogenia é algo que uma revista não pode ter. Então, a revista não pode atender, ela não existe para atender a instituição. Então o professor não conhecia o campo acadêmico e o campo das revistas. Endogenia não pode existir. Como é que a gente evita a endogenia? A gente combinou assim: o nosso critério é o simples. A gente tem o critério que de que ninguém pode publicar mais de dois artigos no triênio. Pode submeter, mas naquele triênio pode sair só dois, o terceiro não sai. Tem passado agora alguma exceção, porque estava previsto dois artigos do Triênio, e outro do aniversário da Escola (70 anos da Escola). Todos publicaram artigos que procuraram tratar das coisas da Escola. Daí nós colocamos um terceiro artigo, mas em princípio não é assim. Então, com relação aos professores da Escola esse é a norma. Com relação aos editores da Revista é a mesma norma, não mais do que dois artigos por triênio. E alguém pode dizer “Ah, o editor publica”. Bom, se existissem no Brasil vinte revistas do campo sociocultural, quinze revistas, dez revistas do campo sociocultural, eu poderia abrir mão e não publicar na Movimento. Mas a melhor Revista é a nossa, eu já trabalho nela gratuitamente, eu vou ter uma punição, não vou publicar nessa revista? Eu digo eu e todos os outros que vierem a trabalhar. Então, o campo acadêmico da Educação Física e o campo sociocultural da Educação Física não daria conta de uma regra como essa que tem uma lógica com uma ética, vamos dizer assim. Mas é uma lógica distanciada da realidade. O que nos sobra? Eu e o Alex e o Elisandro e a Ivone. Sobra a RBCE, a Pensar na Prática, a da UEM, a Motriz. Sobram seis ou sete revistas, sendo que algumas delas são evidentemente mais voltadas para o campo biológico como é o caso da UEM. Então nós decidimos que sim, vamos publicar na Revista Movimento.

C.M. – Vocês tem alguma forma de aumentar o índice de citação dos autores em artigos da revista?

M.S. – Sabemos como podemos fazer isso, mas não temos feito. A Ivone sempre cobra esse tipo de coisa e eu digo o seguinte: o que a gente não faz é porque a gente não dá conta.

C.M. – O que você pensa sobre o acesso livre a Revista, gratuito, das revistas nacionais e estrangeiras? Tem algumas revistas que se paga para acessar.

M.S. – Nós não temos, o campo de Educação Física brasileira não tem como querer fazer isso. Por exemplo, além do acesso livre podemos cobrar para publicar na revista. Seria legal cobrar, porque se a gente cobrasse que fosse assim, cinquenta reais para submeter, vamos imaginar, cinquenta reais para submeter, são trezentos e cinquenta artigos por ano, daria trezentos e cinquenta, daria...

C.M. – Dezessete mil.

M.S. – Sei lá, três mil reais por mês, dinheiro que entraria legal para, por exemplo, pagar traduções, para pagar certos trabalhos gerais para editores, viagens para o conselho editorial vir aqui reunir. Cinquenta “pila” para submeter, é nada. Então o que eu to querendo dizer? Tanto cobrar para acessar quando cobrar para publicar está fora da realidade brasileira, eu diria. Para acessar não passa na minha cabeça isso. Agora para publicar é uma coisa que já pensamos. Porque tem coisas que se sustentariam, comprar um computador novo, tradução, revisão...

C.M. – E sobre a publicação em inglês, o que você acha disso?

M.S. – Eu...

C.M. – Nas revistas nacionais.

M.S. – Eu diria assim, eu não faria, jamais, o que a Motriz fez. Qual é a minha resposta? Ideológica. Nós estamos no Brasil, não tem porque um negócio desses. Mas eu não posso

menosprezar toda uma cultura, a língua portuguesa. E até porque tem toda uma discussão da ciência. Eu não sei se tu já ouviu falar da ciência perdida. A ideia da ciência perdida é que toda ciência feita pela América do Sul, para a gente que não tem língua inglesa, que é uma ciência muito boa, de muita qualidade. Ela e não tem visibilidade porque não está na língua inglesa. E porque nem é publicada porque não está na língua inglesa. Então as revistas tem que criar possibilidades de que elas sejam publicadas pelo menos na língua portuguesa. E não seria problema publicar na língua inglesa, ao contrário, eu acho que é muito bom publicar na língua inglesa, tanto é que estamos traduzindo artigos, todo um processo de tradução, tem alguns artigos com o dinheiro que a gente conseguiu no Ministério do Esporte. Qual o problema disso? Não temos muita perna para isso. Nós estamos fazendo, mas não estamos conseguindo fazer o que era fundamental. É ter uma boa revisão desse inglês. Nós estamos meio que comendo pela mão dos tradutores. O que a gente faz. Eu tenho dinheiro para pagar o tradutor, a tradução vem. Daí, por uma escolha aleatória eu pego um artigo. Eu pego dois deles e dou para professores nossos que fizeram doutorado em língua inglesa. Os caras olha e dizem: “Ah, tá bom, a tradução está boa.” Nunca é maravilhosa. Está boa. Resolve. Um leitor de língua inglesa criticaria, mas a nossa realidade é essa. Então a gente não tem uma garantia de um bom inglês, e o cara do Scielo nos disse aqui: para um americano, um inglês, que pega uma revista com um mau inglês, na segunda página do inglês ruim, ele não quer mais ler. Talvez a gente não conseguisse atingir o cara. Pode ser um pouco de preciosismo dele, mas ele disse isso. Eu diria assim: para a gente ter uma publicação em inglês, nós tínhamos que ter pernas nos editores para garantir essa língua inglesa. E o meu inglês não é suficiente para isso, minha segunda língua digamos assim, é o francês, e os outros colegas também não. A do Elisandro é o espanhol, que fez doutorado sanduiche na Espanha, então não temos ninguém aqui na escola, do campo sociocultural que domine com muita força, envolvido na Revista e envolvido na língua inglesa. Então isso é um dos limites para nós. A língua inglesa para o campo sociocultural é duríssima. Um cara que foi honesto (porque os caras nem sempre são honestos, do campo biológico), falando esse assunto comigo, ele disse o seguinte: “Stigger, eu entendo a situação de vocês. Eu só publico em inglês. Eu escrevo os artigos em inglês, um colega meu do campo sociocultural me deu um resumo para eu traduzir, eu não consegui. Então eu sei que é difícil para vocês, não é simples.” O nosso processo é sustentado na linguagem, e os caras das biológicas não tem esse problema.

C.M. – Agora só alguns detalhes assim. A revista tem recebido artigos de qual região assim, mais destacadamente, região do país, sul, sudeste...

M.S. – Eu não preciso nem fazer estatística. Porque eu sei disso por estatísticas nacionais. Quem produz no Brasil é sul e sudeste. As publicações são sul e sudeste, e diria mais sudeste, eu nem preciso fazer isso ai, olhar para cá, eu não estou te dando à resposta a partir da minha experiência na revista. Se eu parar para pensar nos pareceres que eu leio e nos artigos que eu vejo, eu sei que todos são Rio, São Paulo, Paraná, daí aparece um do nordeste, daqui a pouco vem um lá do Mato Grosso, mas é isso: Rio, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, Minas Gerais, é isso.

C.M. – Tirando os convites feitos, tem algum país que tem mandado artigos, algum destaque?

M.S. – Muitos países, muitos países. Portugal e Espanha. Portugal e Espanha e América do Sul, mas mais Portugal e Espanha. Os espanhóis descobriram a Revista. Todo dia tem um artigo na Revista. E eu diria, chutando o número aqui, eu ia dizer 50%, mas eu digo, eu diria que 50 ou mais fora do escopo. Eles não olham para o escopo da Revista e mandam. O cara nem olha. Ele vai para o JCR, encontra a revista e manda. Entendeu? Os portugueses a mesma coisa, portugueses um pouco menos porque eles já nos conhecem. Um dia desses eu recusei um artigo de um português por estar fora do escopo. Os caras mandam artigos sobre análise de jogo. Essas análises de jogo, de tática, de estratégia de jogo, não está no escopo da revista.

C.M. – E tem, os pareceres têm modelos?

M.S. – Não. Teve um modelinho que ninguém obedece. Tu já viste o modelo ou não?

C.M. – Não.

M.S. – Tu entras no modelo ali e tem um monte de coisinhas (itens) que tu coloca, sim, não, em parte. E no final tu dá um parecer. Esses tempos uma pessoa até próxima de mim deu um parecerzinho de quatro linhas e eu digo: “como é que tu me dá um parecer desse

tamanho?” E ela disse “Bom, eu cumpri todo aquele sim, não, em parte, sim, não, em parte e fechei só com quatro linhas.” Daí aquilo nos atrapalha, porque teoricamente é isso que se está pedindo. Foi quase como o caso que eu pedi para o cara fazer o parecer de novo. O cara pegou o artigo e no corpo do artigo ele coloca aquele processo de revisão do Word. E ele bota os comentários dele, e diz: “É um comentário.” E nos manda. Ele não pode mandar isso. Eu tenho que receber alguma coisa consubstanciada. Um texto que diga todos os problemas que se quer dizer. Não fazer comentários. Nós precisamos de pareceres consubstanciados que dêem confiança para a decisão.

C.M. – Há algo mais que queira acrescentar?

M.S. – Não. Não é acrescentar, eu fico contente. O que eu posso te dizer é que nesses momentos em que a gente é convocado para falar da Revista, aí a gente vê o quanto a Revista é consolidada. O quanto a Revista que nós temos tem méritos. Que nós temos uma equipe que os outros não tem que a gente está andando bem. É isso.

[FINAL DO DEPOIMENTO]